

## **O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NO 2º ANO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM LUCRÉCIA – RN**

Maria da Luz Duarte Leite Silva

Aluna de pós-graduação em Literatura pela UFRN, [lulinhaduarte@hotmail.com](mailto:lulinhaduarte@hotmail.com)

Maria Macivânia da costa

Aluna de graduação pela UERN, [macivania@gmail.com](mailto:macivania@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita numa turma de segundo ano em Escola Pública em Lucrécia/RN. Para tanto, procuramos observar quatro aulas da professora em questão como forma de podermos fazer uma analogia entre teoria e prática. Para respaldar teoricamente esta pesquisa recorremos a estudiosos como: Jouve (2002), Geraldí (2000), Kleiman (2001), Cagliari (2010), Vigner (2002), Lima (2005), Zilberman (1993), Koch (2006). Dentre outros. Por fim, Sobre a prática da leitura e da escrita na sala de aula estudada parece que, alguns encaminhamentos da professora foram bons, no entanto, outros merecem serem repensados, e melhor fundamentados. Assim, este estudo possibilitou mantermos um contato maior com a realidade de sala de aula, saindo da teoria. Cremos que com a realização do presente estudo pudemos contribuir para refletirmos sobre a relação teoria/prática na prática pedagógica do professor.

**Palavras – chave:** Prática. Leitura. Escrita

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo analisar como se dá o processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita numa turma de segundo ano em uma escola pública de Lucrécia/RN. Para tanto, procuramos observar quatro aulas da professora da referida turma, por considerarmos necessário para a concretização do referido trabalho. Buscamos através das observações, conhecer como se dava às aulas de leitura e produção textual da professora em questão, para a partir do diagnosticado podermos relacionar teoria a prática.

Percebemos por meio dos estudos realizados que a criança é um ser ativo, que consegue atribuir significado ao mundo e a si mesmo. Isso posto, por muitas vezes chegar à escola com algumas hipóteses formadas, pois mesmo não lendo convencionalmente diz-se que já sabe ler, realmente a sabe, visto que consegue ler o mundo a sua volta, as imagens dentre outros meios. Daí, a importância do educador ser um sujeito leitor e, principalmente que esteja preocupado em implementar uma prática pedagógica de maneira dinâmica e contextualizada.

Ciente de tudo isto, o educador não pode desconsiderar o conhecimento que a criança (aluno) traz de sua vida extraescolar, uma vez que ao contextualizar o ensino o professor

precisa saber o que o aluno já sabe e o que ainda não sabe. Assim sendo, cabe ao discente buscar as mais variadas estratégias para desenvolver no aluno o desejo de aprender a aprender.

Na verdade a tarefa não é tão simples, mas também não é impossível. Pois, não se trata de um caminho fácil e linear, e como qualquer processo de aquisição de conhecimento, a aquisição da leitura e da escrita convencional passa por um processo o qual lhes permitirão a conquista de novos conhecimentos. Só dessa forma, acreditamos ser possível a realização de uma aprendizagem significativa, voltada para a formação de sujeitos críticos, autônomos, e criativos.

O educador precisa ter a consciência que é nesta fase da vida escolar, que o aluno precisa ser auxiliado e consiga compreender que o papel da escola, uma vez que, este seja aprimorar o que já existe, e assim trazer novos conhecimentos. Só assim. O aluno poderá ver no professor a figura de um amigo, que está ali para servir de mediação da aprendizagem, e não um ditador de regras para dizer o que está certo ou errado.

O discente precisa compreender que a leitura e a escrita além de ser uma tarefa importante na sua formação traz consigo fatos interessantes e diversas informações, se o professor conseguir introduzir esta ideia para seus alunos consequentemente irá facilitar seu trabalho dentro da sala de aula.

Foi nesta perspectiva que buscamos desenvolver o presente trabalho, com o intuito de perceber quais aspectos estão sendo empregados, e como esta ocorrendo a recepção por parte dos alunos, no que se refere o desenvolvimento da leitura e escrita.

E como somos conhecedores dos diversos trabalhos e pesquisas que já permeiam sobre a prática de leitura e escrita no âmbito escolar, mesmo assim acreditamos que este estudo é de grande importância, visto que novas teorias vêm surgindo e, consequentemente novas práticas pedagógicas são demandadas pela sociedade moderna.

Assim sendo, para respaldar teoricamente está pesquisa recorreremos a estudiosos como: Jouve (2002), Geraldi (2000), Kleiman (2001), Cagliari (2010), Vigner (2002), Lima (2005), Zilberman (1993), Koch (2006) e os parâmetros curriculares nacionais (PCNs 2001). Dentre outros.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a importância que o ato de ler e escrever são fundamentais para a formação intelectual, e cognitiva do sujeito, pois vale ressaltar que é através da leitura e da escrita que o indivíduo adquire a capacidade de conhecer e identificar os códigos escritos ou não no processo de comunicação humana.

## **Concepções de Leitura**

Sabemos que a leitura é indispensável para a aquisição de novos saberes, talvez por isso, a prática de leitura tem se tornado como um dos principais objetivos do ensino. Para Jouve (2002, p.17): “[...] a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções”. É partindo desse pressuposto que, hipoteticamente cabe ao professor direcionar o seu aluno para o mundo do letramento, ou seja, o professor tem o poder de despertar no aluno o gosto pela leitura e, conseqüentemente pela produção escrita, visto que principalmente a criança tem o professor como reflexo e reflexão.

Por isso, sugestivamente o educador pode ser um dos meios que pode possibilitar o desenvolvimento de competências de leituras e de escrita nos alunos. Esta é uma tarefa que precisa ser desenvolvida desde os primeiros anos de vida escolar das crianças, pois parece ser nesse período que elas começam a decifrar o código escrito, e por isso precisam de encaminhamentos que venham facilitar sua aprendizagem. Para Zilberman (1993, p.16): “A conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade”.

Nesta perspectiva podemos considerar que a leitura vem se tornando uma atividade essencial ao desenvolvimento intelectual do sujeito. Dessa forma, um dos maiores desafios das escolas hoje, é talvez formar bons leitores. Cagliari (2010, p.130) apresenta que: “É muito mais importante saber ler do que saber escrever”. A partir do dito entendemos que a leitura deve funcionar como um alicerce para a vida, preparando o sujeito para os desafios que a sociedade demanda. Cagliari (2010, p.131) ainda ressalta que: “Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos”.

Desse modo, parece que a leitura é vista como uma atividade que exige do leitor certas competências como reconhecer um código linguístico - letras do alfabeto para assim poder ser capaz de inferir sentidos sobre o que está lendo. É neste sentido que, o educador precisa desenvolver uma boa prática pedagógica, de modo a ser capaz de formar leitores competentes capazes de atribuir sentido ao que ler. Para Cagliari (2010) a leitura pode ser ouvida, vista ou falada.

## **Estratégias de leitura**

Como já discutido, a prática de ler não é algo tão simples, por esta razão é que as estratégias de leituras vem ocupando um lugar de importância na formação de leitores competentes. Para Solé (1998, p.69): “Uma das características das estratégias de leitura é o fato de que não detalham nem prescreve totalmente o curso da ação [...]” Desse modo, sugestivamente podemos considerar que as estratégias de leituras são propostas de ensino de leitura úteis e, imprescindíveis na formação de um bom leitor.

Kleiman (1997, p.49) ao dialogar sobre estratégias de ensino apresenta a leitura como: “operações regulares para abordar o texto. [...] como o desenvolvimento de habilidades linguísticas que são características de um bom leitor”.

Para Solé (1998, p.73) “formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos”. Desta forma, hipoteticamente o leitor consciente é aquele que, além de empregar todas as estratégias e habilidade para compreender o texto, ainda vai aprimorando a sua construção de sentido a partir dos textos lidos.

A partir do discutido, parece ser importante que o professor seja consciente de que tanto ensinar, como aprender são acontecimentos que se processa por meio de estratégias.

Assim sendo, é preciso que o ensino de leitura seja pensado na intenção de construir leitores críticos, e não pessoas incapazes de interagir com o texto. Como apresenta Zilberman (1993, p. 21): “A proposta é de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula de forma significativa”. Ou seja, a autora parece dizer que uma das possibilidades de quebrar a hierarquia sobre a leitura.

Só assim, poderemos acreditar em mudanças que darão sustentabilidade ao processo de ensino de leitura nas escolas. Para Zilberman (1993). “É partindo da ideia de ensinar a ler e, não ensinar a decodificar, que acreditamos no desenvolvimento do gosto pela leitura em nossos alunos, pois não basta conhecer o código linguístico, mas sim, ler compreendendo o sentido do texto”.

No que se refere ao processo de leitura de textos escritos o PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 50) sugere que o aluno possa ser preparado para:

Saber selecionar textos segundo seu interesse e necessidade. Leia, de maneira autônoma [...] Selecionando procedimentos de leituras adequados a diferentes objetivos e interesses [...] Desenvolvendo sua capacidade de construir um conjunto de expectativas [...] Confirmando antecipações e

inferências realizadas antes e durante a leitura [...] Articulando o maior número possível de índices textuais e contextuais na construção do sentido do texto [...]

Vemos que não faltam propostas e encaminhamentos, basta haver um esforço conjunto da comunidade escolar, pois não pode ser incumbida a um único profissional a responsabilidade de formar e preparar leitores.

### **Considerações sobre a escrita**

Ao tentarmos compreender uma sociedade sem a escrita basta imaginarmos séculos atrás e pensar como nossos ancestrais faziam para se comunicarem. No entanto, cabe ressaltar que a comunicação existia através da oralidade, mas sem a facilidade que se tem atualmente. Foi a partir da necessidade de melhorar o convívio no meio social, dentre outras faculdades que surgiu a escrita como um modelo revolucionário, sendo por muito tempo privilégio de uma minoria. Zilberman (1993, p.18) apresenta que:

O transito da fala à escrita determina, portanto, o aparecimento de uma constelação específica de sinais-um código característico, o das letras, cuja missão é assegurar, de um lado, a imobilidade do texto, questão de sua perenidade no tempo, e, de outro, sua polissemia, vale dizer que, a possibilidade de se extraírem dele múltiplos sentidos [...].

Assim, parece que um dos primeiros requisitos para formar um leitor competente é ensinar o código escrito, e a partir do mesmo possibilitar o sujeito para que se torne um leitor ativo, que sinta prazer por esta prática. A escrita é entendida aqui como uma espécie de decifração, para a realização da leitura. Isto implica que um falante nativo da língua portuguesa não conseguirá escrever em outro idioma como o inglês se ele não conhecer o código linguístico próprio desta língua.

O processo da escrita tem se tornado algo tão necessário nos últimos anos, que o ensino de língua portuguesa vem apresentando como uma das suas finalidades principais ensinar o aluno a escrever. Assim, a criança desde os primeiros anos de escola (alfabetização) já são direcionados a esta prática. Para Cagliari (2010, p.82): “É um absurdo que todas as atividades de português na escola girem em torno da escrita, chegando mesmo a se preocupar mais com a aparência escrita do que com o que ela realmente faz e representa”. A partir da fala do teórico parece que a escrita deve prescindir da leitura.

Por se tratar de uma atividade nova para os alunos dos anos iniciais, o ensino da escrita precisa ser bem direcionado. Hipoteticamente, para a grande maioria dos profissionais da educação o ponto de partida para alfabetizar o aluno é ensinar o alfabeto, esquecendo que os mesmo chegam à escola com um conhecimento particular que precisa ser de conhecimento do professor para que ocorra uma aprendizagem significativa.

### **Análise dos dados**

Parece ser possível, apresentar algumas considerações sobre este estudo, pois durante a estada no ambiente da sala de aula da professora em questão, tivemos a oportunidade de conhecermos os encaminhamentos pedagógicos da professora. A professora parecia ter domínio e segurança sobre seus alunos, conseguindo a atenção dos discentes, acreditamos que isto se dava talvez pela forma de abordagem que ela utilizava.

A docente sempre dava inicio a aula perguntando a cada aluno como eles estavam. Parece ser algo simples, mas possivelmente para as crianças aquela atitude lhes dava a sensação de que elas eram importantes. A professora evidenciou que sempre tinha dois planos de aulas semanais, a escolha ficaria a critério dos alunos. Assim, eles teriam que optar entre trabalhar com o livro didático ou utilizar textos avulsos.

Vale ressaltar que todos os textos eram segundo a professora, cuidadosamente, selecionados visando às particularidades da turma. Salientamos que esta atitude realizada pela professora é bem interessante, visto que as crianças podiam escolher que gêneros textuais iriam ler. Os PCNs (2001, p.23) rezam que: “Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”.

As aulas de leitura pareciam ocorrer de forma bem espontânea, os alunos formavam um círculo ao redor dos textos, e cada um escolhia o que mais lhe chamasse a atenção. Havia um tempo determinado para que estes alunos realizassem a leitura, e a professora sempre ficava sempre circulando entre as crianças talvez com a intenção de acompanhar, e auxiliar o aluno no que precisasse.

Esta atitude da educadora chamou-nos bastante atenção, pois em nem um momento houve imposição ou autoritarismo. As crianças realizavam a leitura, e, em seguida tentavam contar para os colegas o que tinha compreendido da história. O envolvimento era tão surpreendente que, as próprias crianças queriam saber como terminava a história do

coleguinha, e por diversas vezes tivemos a oportunidade de percebermos o fluir da imaginação das crianças, pois davam o final as suas histórias.

Vale lembrar que estamos falando de uma turma do segundo ano, e por estas crianças não terem total domínio nem da leitura convencional, nem da escrita, talvez por isso, percebemos que algumas palavras não eram pronunciadas como estavam escritas. No entanto, em nem um momento a professora corrigiu o aluno, pois a mesma evidenciou que o maior objetivo era fazer com que seus alunos compreendessem o texto, e para que isso ocorresse não era necessário que elas reconhecessem todas as palavras. Sobre este aspecto Cagliari (2010, p.149) ressalta que: “para ler não é preciso que a criança conheça todas as palavras do texto”.

Em outro momento a professora realizou a leitura dos mesmos livros em voz alta, quase que teatralizando. De acordo com a mesma esta forma de ensinar os alunos a lê era para mostrar aos mesmos alguns aspectos como: entonação, pontuações e linearidade do texto. No entanto, não cremos totalmente na eficácia desta tarefa, por algumas razões como: as crianças já haviam interagido com estes textos, e não se espera que uma criança de seis ou sete anos compreenda, e ponha em prática pontos como os supracitados pela educadora.

O que se podia atingir, ela já havia conseguido que era a atenção e gosto pela criança no que se refere à leitura. Vemos esses outros critérios utilizados pela professora como uma forma que, acabava por quebrar a dinamicidade da aula, já que era perceptível a falta de atenção das crianças nesses momentos. Como já evidenciado, a professora realizava um plano que perdurasse por cerca de uma semana, e neste espaço de tempo conseguia dar encaminhamentos tanto de leitura como de produção de texto.

No que se refere à tarefa de produção textual a docente encaminhava um pequeno esquema para os alunos seguirem, no mesmo percebemos pontos como: Do que trata o livro? Quem são os personagens principais? Como ocorreram os fatos? Como termina a história? A partir destes pontos as crianças iam escrevendo o que conseguiam. A dificuldade dos alunos era perceptível, muitos queriam transcrever partes do texto original, alegando que não sabiam escrever sozinhos.

A professora sempre fazia um percurso por todas as carteiras, talvez querendo ajudar na escrita de algumas palavras, que supostamente eles não conseguissem grafar. Essa tarefa quebrou com a harmonia que até então ocorria na sala, não víamos mais alunos entusiasmados como antes. Por esta razão chegamos hipoteticamente, a entender que, a docente poderia procurar outro método de abordagem da escrita que pudesse chamar a atenção do aluno, e não torná-la algo difícil e cansativo.

Sabemos da importância que a escrita possui, pois se realmente se quer formar bons produtores de textos tem-se que procurar meios atrativos que possam favorecer o desenvolvimento dessa tarefa. Para Giesen e Garcia (2008, p.30): “É preciso, inicialmente, garantir a espontaneidade do aluno para escrever; somente quando julgar conveniente é que deve fazer as intervenções nos textos escritos”. Isto implica dizer que não obrigatoriamente depois de trabalhar com a leitura de textos se devem propor uma produção, são processos diferentes e podem ser trabalhados de modo distintos. Partindo do princípio que nem toda leitura pressupõe uma produção escrita.

Há no sistema educacional uma velha prática que merece ser repensada. Pois o ensino se resume em sua grande maioria em ler um texto, em seguida escrever alguma coisa concernente ao mesmo, e assim partir para análise linguística. Isto tem se tornado tão automático que, de certo modo o aluno já sabe quais serão os encaminhamentos, e as possíveis propostas do professor.

Conscientes de que a tarefa da escola é educar para a cidadania, o educador precisa considerar que ensinar se trata de uma tarefa complexa e exigente, na qual os primeiros passos (alfabetização) constituem-se como fundamental para impulsionar o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Portanto, para que se tenha êxito como educador, se faz necessário possuir alguns pré-requisitos os quais possibilitem uma prática atrativa de modo que, os alunos, sejam também capazes de empregar estratégias no ato de ler e escrever.

Só a partir destes critérios o docente terá talvez a condição de preparar o aluno para a vida, e não apenas para decifrar um código ou escrever seu nome, e assim ser considerado como um cidadão alfabetizado e, sobretudo letrado. Para TFOUNI (2006), alfabetizar não se trata apenas de ensinar o indivíduo a conhecer o código ao ponto de escrevê-lo, antes pode ser entendida como uma tarefa de construção cultural de cada sujeito.

Grande parte dos estudos desenvolvidos na área de educação preza por um ensino que prepare o aluno tanto para a vida dentro do espaço escolar, como para o convívio em sociedade, e só ao conseguirmos este propósito teremos a sensação de tarefa cumprida.

Durante a observação das aulas a professora ainda trabalhou a reescrita dos textos, quando todos concluíram a produção, ela formulou pequenos grupos de três componentes e, cada grupo ficou com um texto para ser revisto e modificado.

Essa tarefa ocorreu de forma tranquila, cremos que tenha sido sugestivamente, pelo fato dos alunos interagirem um com os outros, para desenvolver o texto. No entanto, parece que os encaminhamentos da professora não ficaram claros o suficiente, partindo do princípio de que a mesma só distribuiu os textos e disse para seus alunos: leiam e acrescentem o que vocês

acharem preciso. Este tipo de atividade pode ser muito proveitoso, se houver uma boa orientação. Queremos dizer com isso que, algumas tarefas como é o caso dessa precisa ser minimamente calculada, ou melhor, fornecida as instruções que possibilite uma boa prática. Pois não é possível o aluno realizar uma tarefa se não lhe explicam como deve ser feito. Se o professor não souber encaminhar a produção, não pode exigir do aluno.

Partindo do pressuposto que se o educador não exigiu, eu não preciso fazer, é neste sentido que muitas vezes constroem-se alunos acomodados que não conseguem progredirem.

Dáí parece ser preciso um esforço conjunto entre professores, escolas e órgãos responsáveis pela educação, no sentido de apresentar para os alunos as diversas maneiras de aquisição de novo conhecimento. Assim, durante o período de observação na sala de aula, tivemos o privilegio de mantermos um contato maior com a realidade de sala de aula, saindo da teoria. Cremos que com a realização do presente estudo podemos contribuir para par refletirmos sobre a relação teoria pratica na pratica pedagógica do professor.

### **Considerações finais**

Podemos dizer que apesar de se tratar de uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental deparamos com crianças já alfabetizadas, pois sabiam ler e compreender o que estação sendo lido. Este fato favorecia a prática docente, pois possibilitou a professora acompanhar mais de perto os poucos alunos que sentiam dificuldade de ler e escrever.

Vemos que os textos trabalhados em sala pela professora eram os mais diversos, talvez por isso, o aluno não se sentia obrigado a repetir a leitura, a opção da criança era válida. Mais uma vez a professora foi sabia ao usar desta estratégia.

Sobre a prática da escrita chegamos a concluir que alguns encaminhamentos da professora foram bons, no entanto, outros merecem ser repensados e melhor fundamentados. Durante esta atividade a maior parte da sala apresentaram dificuldades, chegamos a perceber que a razão para isto não era o fato deles não saberem grafar as palavras, mas sim, a insegurança de escrever, e errar a escrita, pois sabiam que estavam escrevendo para a professora ler e, conseqüentemente, iria corrigir os erros ortográficos.

É por esta razão que vários estudiosos como Cagliari, Giesen e Garcia dentre outros, apontam para a necessidade de fornecer ao aluno estratégias de leitura e escrita que proporcione uma aprendizagem prazerosa.

Por fim, e preciso entender que os alunos só vão saber como melhorar suas produções se lhes oportunizarem condição propicia para isso. E essa é uma tarefa que cabe também ao

professor. Assim sendo, a mudança deve partir de cada um, seja o professor, diretor, secretário ou até mesmo os próprios pais, todos com o propósito de inverter a imagem negativa de que ler é saber apenas decodificar os signos linguísticos, mas sim, é desenvolver a subjetividade do sujeito leitor. Isso posto, devido sabermos que preparar o aluno para o exercício da cidadania é uma tarefa da educação do século XXI, visto que, não basta apenas ensinar, mas educar para a vida cidadã.

## Referências

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito da leitura* São Paulo: Ática, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais/ Língua Portuguesa – 3º e 4º Ciclos*. Brasília, 2001.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2010.

CHARTIER, A. M. *Práticas de leitura e escrita- historia e atualidade*. Belo horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

FOUCAMBER, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GERALDI, João Wanderley. (org.). *O Texto na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

GIESEN, R. M. & GARCIA, A.V. *Bem me quer: Letramento e alfabetização linguística*: São Paulo: Editora do Brasil (2008).

JOUBE, V. *A leitura*. (trad. Brigitte Hervor). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KATO, M. *O aprendizado da leitura*. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 8 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6. São Paulo: Pontes, 1999.

KOCH, I. V. *Ler e compreender os sentidos do texto* São Paulo: Contexto 2006.

LIMA, R. C. de C. P. (org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Mercado das Letras: São João da Boa Vista, SP: UNIFEQB, 2005.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, L. V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2006.

VIGNER, G. *O texto leitura e escrita/ Organização e revisão técnica de tradução*. Campinas SP: 3ª edição revisada. Pontes, 2002

ZILBERMAN, R. *A leitura na escola*. In: ZILBERMAN, R. et al; *leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993, p. 9-23.

